

Yale University Library Digital Collections

Title	O bando sinistro : appello aos intellectuaes portuguezes.
Creator	Leal, Raúl
Date	[ca. 1915?]
Rights	The use of this image may be subject to the copyright law of the United States (Title 17, United States Code) or to site license or other rights management terms and conditions. The person using the image is liable for any infringement.
Generated	2021-02-24 17:11:48 UTC
Terms of Use	https://guides.library.yale.edu/about/policies/access
View in DL	https://collections.library.yale.edu/catalog/10034115

O BRANCO SINISTRO

APPELLO AOS INTELLECTUAES PORTUGUEZES

A vós que illustraes a vida com os vossos pensamentos elevados que só em almas livres, em almas nobres se podem gerar illuminando o mundo, a vós me dirijo cheio de commoção e de revolta perante o desenrolar sombrio do lodo que pavorosamente se derrama na alma enlouquecida dos portuguezes, que tragicamente avilta, ignobilisa o genio divino de Portugal! Momentaneamente nos debatemos em sangue de peste e em trevas lamacentas e preciso se torna riagirmos poderosamente contra os crimes aviltantes, contra as villezas sinistras, de novo arrebatando o mundo em Espirito, de novo derramando Espirito pela Vida! Numa synthese vigorosa de almas livres unamo-nos para sempre e brandindo o cutelo da Maldição despenhemo-lo dos céos sobre esse inferno momentaneo de Lama... E a nós como Espiritos nobres, como Almas livres que compete desfazer as malhas emaranhadas, as cadeias lodosas d'um charco, d'um pantano!...

Portugal vive hoje um péssimo enorme de lama e de sangue!

Os arrebatamentos extáticos que através dos mares arrasaram Espiritos, uma torrente sangrenta de lodo inundou em ancias sinistras de chacotes, em evocações purulentas de pantanos... As tragédias chimeras do mundo medieval, sombrias na sua latente anciedade de dor, nos seus inquietantes presentimentos de morte, evoluindo, degenerando-se, o seu espiritalismo vívido e vagamente atóxico, d'uma ancia como que tragicamente fossilizada pelo espreto glacial do tumulo, o seu espiritalismo sohuado dolorosamente vibrações difusas de trevas n'um vazio de immensidade dissiparam todo para sempre e para se tornarem através da Europa jacobinizada os monstros repugnantes do Extremo Oriente que a alma pavorosamente perturbam em nojo e em vômitos de sangue quando sob nós estalam, esmigalhados inteiramente por nós!... Esses monstros immensos e vazios d'alma absorveram ainda dos chimeras medievais as ancias de trevas mas, degenerando-as em aviltamentos convulsos de fome, ignobilisaram-nas por entre gargalhadas lugubres de replis vampirizados. Sofrem a ancia, mas a ancia perversa e esquelrosa de cobardemente rasgar a carne infesta dos Anjos... De dor se enchem pelo odio! E essa dor oitosa de perversas ancias jámais a compaixão pôde inspirar mas atulhada em escaros negros de peste ench-nos a alma de enjos e de vomitos convulsos... O génio jacobino é d'uma negra esverdeada, porque é o génio da lama, da podridão! A revolta d'elle é a revolta de inveja sinistra, é a revolta do péria estomaco contra a luz do Espirito que as trevas da sua ancia jámais pôde illuminar.

O jacobino, o plebeu sente horrivelmente cravarem-se-lhe no peto os grilhões eternos da ignominia com que Deus o fatalizou e como aranha corpolenta deitando-se na tela aprisionadora que ella propria cria, o jacobino, o plebeu, cheio de rancores obscuros que só em trevas cobardes trabalham a morte, com sangue desprender-se procura das peias arilhaes da fome e da miséria as quees um prolongamento tragico são apenas, uma sombria evolução d'essas outras peias intimas cria das n'um fatal inferiorismo d'alma. Como elemental de lodo elle nasceu inferior, a sua inferioridade natural que lhe enche a alma de paixões escravizadoras, de perversidades que toda a alma contorce, toda a alma que só no Bem, no Espirito se liberta em virgens, essa inferioridade fatal que a uma vida apertadamente limitada, a uma vida de escravidão propria todo o obriga sempre elle rancorosamente sente o debaixo-se na fome, na miséria, produto da sua absoluta incapacidade de espirito, contra a Luz, contra a verdadeira Liberdade obscuramente reage através de crimes repugnantes, ignominiosos não só para vencer a fome indignamente que, d'outro modo, jámais a poderia vencer como escravo natural que é, mas sobretudo para satisfazer os odios impuros gerados sempre por entre invejas nas almas naturalmente, abjectamente inferiores. Não é o poder exterior, o ouro que elle principalmente inveja, mas a grandeza natural dos Espiritos que elle, mesmo coberto de ouro, jámais poderia atingir. A nobreza d'alma, suprema libertadora, como poderia ella ser alcançada por quem vive fatalmente em villezas oppressoras, de abjeções que só pôde bratar das almas acanhadas, das almas vis... E essa impossibilidade fatal enche de maiores abjeções a alma odienta do jacobino! Ella vive de cadeias apertadas porque naturalmente apertada é toda a sua vida que jámais se pôde expandir em espiri-

to, e n'essas cadeias se geram outras e outras, essencias dos odios oppressores e das invejas sinistras que dolorosamente contorcem, apertam, esmigalham, os seres abjectos que em si proprios as criam.

Vêde a ancia fervente com que Costa, chefe de bando, imitar procura os mais insignificantes gestos do Grande Rei que foi D. Carlos I. Quando nos logares régios que elle tormente usurpou, toda a magnanimidade do rei anciosamente quer copiar, copiando d'uma forma que seria ridicula se não fosse abjecta os mínimos movimentos de nobreza e distincção só proprios de espiritos superiores, de almas livres.

E como pôde um elemental de lama elevar-se á belleza divina d'um príncipe?... Costa sente bem a sua propria inferioridade, incapaz se sente de se elevar ao Espirito, de se elevar até Deus, é n'um claro immundo que elle se debate por entre chamas purulentas de peste, e cheio de raiva, de rancores sinistros, a sua fétida loda derrama na Vida para que a Vida, descendo até elle, se cubra de podridão e de ignominia.

Sim, todo o plebeu torpe que fétidamente se desenvolve aqui, empéstando criminosamente o génio divino de Portugal, é a alma de Costa vomitando pantanos por entre convulsões de raiva e asquerosos turbilhões de dor infamante. Já que incapaz se sente de se libertar, por fim, das algemas duras que lhe acorrentam a alma á escravidão perpetua do Mal, inferiorisar quer o mundo todo, empochalhando-o com as suas fétidas exalações d'alma, envenenando-o n'um derrama de póis em que a sua alma, cancro fatal, cheio de angustias perversas toda se desfaz... O mundo, aqui, era livre porque era nobre, as paixões torturantes, as villezas que apertam, que contrangem os seres que as exalam, toda a torpeza mesquinha, acanhada, escravizadora, toda a torpeza dos desejos plebeus, das ancias purulentas, o genio portuguez desonhebra outr'ora e necessario se tornava então, para uma alma escrava das suas proprias podridões, ver-se para sempre desfilto o Espirito, a grandeza livre das almas nobres que, existindo, mais dolorosamente laria sentir aos inferiores a sua inferioridade abjecta, as cadeias torpes que fatalmente os opprimem, as cadeias de uma vida fatalmente acanhada, fatalmente vil, vida de escravos naturaes, de elementaes de lama!... A oppressão vivida por almas plebeas tinha que encher Portugal, o génio lugubre da abjeção tinha de se derramar no Espirito, do Grande Rei a Luz radiosa e clara, livremente expandida em infinitos, linha de ser apagada para sempre, para sempre linha de se desfazer em poeira de marmore e bronze, symbolos da Morte e da Dor Espiritual, e assim, tenebrosificado o mundo nas nuvens negras carregadas de poeira, uma vida asphyxiante de exalações malignas a pouco e pouco se gerou opprimindo-nos a alma por entre as gargalhadas purulentas de sangue rancorosamente expelidas por um ventre abjecto, rancorosamente vomitadas pelo genio depravado da Peste.

E odiosa a dor de Costa, a ancia negra de dissipar o Espirito que na sua grandeza infinita, na sua expansão livre de Luz cada vez mais o atulha em trevas e em lodo... Ao lodo elle sabe que não pôde renunciar, n'elle eternamente se debate, n'elle eternamente se acorrenta e todas as irradiações bellas do Espirito para sempre quer desfazer, para sempre quer dissipar porque o Espirito o humilha na sua grandeza infinita, na sua expansão livre de Luz!... Mas desfeitas todas as almas aristocraticas, as unicas almas livres, um risco de san-

gue luminoso o Espirito na Vida abandonou para sempre, a recordação horrivel da Liberdade Espiritual a alma de Costa conserva sempre e eternamente enraivecida, eternamente faminta de Espirito, de superioridade livre, n'uma dor pavorosa d'odios se contorce eternamente, fatalmente, eternamente, fatalmente vivendo a inveja lugubre da propria Morte que o enche de aneis purulentas e de angustias cancerosas!...

Essa alma é a tragedia d'um pantano... Lentamente, n'uma lentidão sinistra, toda se descompõe em fétidas exalações crescentes, o virus do Mal inundou-a de pus e soffrendo rancorosamente a oppressão fatal de desejos vis exteriorizados em toda a sua expressão plebea e em todos os seus gestos acanhados onde se não sente a minima espontaneidade de espirito e onde se sentem, antes, peias horribes prendendo tragicamente os movimentos desairosamente forçados d'um corpo e d'uma alma de escravo, essa alma cada vez mais se dissolve, apodrecida em dor e porque em si desenvolve mais e mais as villezas sinistras que em odios angustiosos e em invejas dissolventes cada vez mais se envenenam, estimulando a putrefacção! Opprimida se sente pelas suas ancias infamantes de inferior que ella jámais poderá vencer libertando-se em espirito, a materia acorrenta-a, agrilho-a pavorosamente até á morte, de paixões despersonalizadas, de paixões humilantes e abjectas de torpeza mesquinha, vil, em si o odio, a inveja tenebrosamente asphyxiante do Bem do Espirito, a vileza em si estimula mais e mais até á criação abjecta d'um oceano purulento de sangue, decolorando-se progressivamente n'uma maldição fatal! A podridão cresce, a podridão da alma que, n'ella se debatoendo toda, em dores vis, em negras dores, toda se contorce para sempre...

E os seus odios sinistros de charco inundam o mundo, o cancro, que essa alma forma, sobre a vida inteira derrama pus e não só as almas aristocraticas, as almas livres que desfazer para sempre mas tambem, na sua fétida dor desorientadora a todas as almas que elle julga inferiores da sua propria inferioridade que assim as não faz soffrer, todas as almas artiosamente procura envenenar, dissipando-as em trevas. Em gargalhadas que enchoem rancores dolorosos, elle procura anciosamente expandir o Mal, a Podridão e assim, despertando as suas proprias ancias, os seus rancores maleicos nas cohortes malditas de escravos em que elles pareciam adormecidos, pelo mundo arcaica um bando sinistro de plebeus que a miséria, a fome, producto d'almas incépas, d'almas miseraveis, cada vez animais mais em crimes repugnantes de cobardia, indignamente da miséria que que os seus soldaos lugubres se elevam e elles, estomacos do ouro que sobre elles o chete promete derramar, pelo mundo arrasam as suas expressões pavorosas, cobrindo-o de lama, de sangue e de pus!... E gargalhando em villezas saltaicas, Costa, o chefe do bando, deita de prazeres que escondem dores... De lodo sangrento quer que a vida se encha e os seus tragicos instrumentos de trevas lamacentas lodo sangrento derramam no mundo!

Não julgam que plebeus são todos os proletarios. Nos operarios das fabricas e nos artistas do mar uma nobreza barbara inunda as almas! Se Costa tambem os aproveita, é que a inconsciencia d'elles muito util se mostra. Mas só em acções virilidades as suas almas excludem, são barbas essas explosões das almas, mais sãs bellas na sua grandeza arrebatadora. A sua fero-

dade orgulhosa torrencialmente se derrama... Não assim, a ferocidade vil dos verdadeiros plebeus que verdadeiramente formam o bando sinistro de lama! O lodo custa a romper, n'elles se emaranham as almas e o bando de Costa eternamente arranca de si torrentes de lodo que atulham os caminhos por onde difficilissimamente passa. No proprio lodo expellido pelas almas que o formam essas almas plebeias se atulham, se prendem... E n'elles se afundam, n'elles suffocam, occultando n'elles os seus movimentos apertados, os seus movimentos vis. As almas plebeias não se expandem em torrentes, não se expandem em genio mas, escondidas nas suas exhalações putridas, cavernosamente trabalham em trevas a sua lugubre haccanal de lama que lentamente vai empastando o mundo, a Vida! As suas expressões pavorosas de raiva e de fome mal surgem do pantano empastadas em lodo, e nas entranhas do lodo que cultivar querem a destruição e a morte, é nos seus antros secretos de ignominia, de abjecção, que em movimentos tortuosos forjam as chamas que incendiarão o mundo e assim, contorcendo-se em hypocrisias vis, em accões invisíveis de lama com requintes perversos, com perversidade esmerada' desenvolvem vilezas esopadas em sangue. O lodo com esmero trabalha o lodo... E cada vez mais requintadas e mais encobertas pelo lodo são as accões abjectas de crime que o bando plebeu cavernosamente exhalta. Oul'ora, nos tempos de Marat, a cobardia vil não se occultava tanto, os jorros de sangue mal encobriam ainda a fonte purulenta d'onde elles partiam, entre Marat e Costa a mesma distancia existe que entre um vulcão de lama e um pantano de peste, aquelle trabalha nas trevas para bem depressa explodir em torrentes descoberto as trevas e este cultiva na sua essencia aspuerosa os germens da morte que em vapores invisíveis se espalharão pelo mundo!... A vileza progrediu, a abjecção requintou-se mais, O lodo cresceu, atulhou as almas que progressivamente formaram in sua propria essencia; as almas, cada vez mais escondidas no pélogo crescente, cada vez mais se embaralharam nas suas proprias emanções, n'ellas proprias prenderam os movimentos lodosos e educando-se nas difficuldades crescentes, n'ellas proprias germinadas, desenvolveram mais e mais os processos vis que perante um debate difficilissimo, tortuante, se aviltaram mais, mais se requintando. Para camuflarem no lodo crescente o trabalho era ar-

duo, das almas exigia cuidadosas atenções torturantes, atenções que mais conforçavam as almas, mais as deprimiam, só com subtilidades aviltantes ellas se podiam lentamente desemaranhar do lodo e educando-se ignobilmente n'essas subtilidades vis afundadas em pantanos, cada vez mais subtilmente procuraram trabalhar o lodo que, cada vez mais as occultando, mais occultou as suas accões requintadas, os seus esmeros requintantes. Assim, por todas as razões, a Vileza cresceu...
 É da fome, e da miseria natural as almas vis se vão erguendo para mais no lodo se atulharem. Ineplias se mostram para vencerem a miseria á luz da Dignidade e do Espirito, só infamemente, ignobilmente, as almas miseráveis podem vencer misérias exteriores e procurando cada vez mais vencer-as, cada vez mais se ignobilisam, pois! É como conseguiram ellas mesmo através do lodo, mesmo exhalando mais lodo, mais lodo erguer-se acima da fome, das misérias exteriores? Como conseguiu Costa e out'ora Marat erguer-se ao poder e ao ouro através da lama?... Destinados deviam ser á escravidão de trevas, ao azorrague, a todos os lábios de infancia e conseguindo vencer a miseria que as suas almas torpes requeriam, apagaram o Espirito alastrando lodo pelo mundo!... Sim, a lidade do Lodo é aquella em que vive! Só elle sinistramente brilha, da Vida é elle o unico senhor... A revolta dos plebeus foi a revolta de escravos naturaes, de elementaes de lama!... E como conseguiram revolver-se, como alcançaram o poder e o ouro? Luthirando o Espirito! As Almas Nobres, as Almas 'avres jámais poderiam descer o seu oltar de luz para as trevas purulentas d'um pantano: tão longe estavam d'elle, na sua grandeza infinita, que jámais concebiam uma existencia vil e o pantano, occultando-se em nuvens de fumo, germinou em ruina e morte sem jámais preoccupar o Espirito, sem jámais prender as suas atenções altivas. Este era muito nobre para suppor a maldição d'um pantano! Numa atmosphera de luz e de nobreza vivia radiosamente e a sua atmosphera Elle julgou sempre que enchia o mundo. Em extases vibrantes se erguia no ether e era tão altoe á materia que jámais a suppoz existente, jámais a concebendo. Só de si proprio vivia, não podia sentir os rumores cavernosos de almas infimas que lentamente arruam os seus fundamentos de nuvens para o precipitar nos abyssos da Morte... As suas divinas despreoccupações da materia

a materia ignobilmente explorou e foi assim que erguendo-se em chamas do Mal os elementaes do lodo desfizerao o Espirito! Desfizerao o Espirito, cobrindo-se de ouro... Desprevenido o encontraram e por isso o venceram... Como poderia a Luz prever o trabalho das trevas?...
 Mas um rasto de luz o Espirito abandonou na Vida, elle se pode desenvolver, germinar e preparando-se assim para a lucta, as trevas, o lodo por fim dissipará. O lodo venceu porque o Espirito desprevenido não luctou, mas ai d'elle se o Espirito despertado eternamente explodir em torrentes de Luz!... Na lucta o Espirito é a Força, é a liberdade dominadora da Vida... O lodo debate-se em cadeias, as explosões d'almas livres, poderosas, desfarão, pois, o lodo!
 Sim, e o Espirito cresce de novo, de novo luminosamente inundará o mundo!... A luz espirital e as trevas de lama em convulsões, n'um cabos, derramarão infinitos. Jorros de luz como nill lanças d'um exercito divino trespassarão as trevas, desfazendo-as em sangue e pus. Será pavoroso o embate delirante das trevas e da Luz! Numa furia celestial um gladio immenso em que as scintillações de chamas serào as estrellas convulsivas do firmamento, por todo o Espirito ha-de ser enfim brandido em aneis. Dos céus, da Luz se precipitará no lodo para que o pantano onde germinam doras abjectas, abjectas angustias d'odio, derramando-se em negro sangue, apavore o mundo com expressões de lama e de dor, a debatem-se em raiva e em terrores convulsionantes! A dor do odio crescerá mais, de vilezas maiores inundará as almas plebeias para que n'esse paroxismo sinistro de lama toda estale em podridão, desfazendo-se na morte...
 E dissolvidas em ether pelo gladio da Luz as trevas lamacentas que arrastam hoje o mundo quaes monstros fabulosos espumando odios e abjecções por entre vomitos colossaes de peste para sempre se dissiparão, para sempre se atogarão em espirito, o qual radiosamente cobrirá o Universo, o Infinito, de aneis celestiales!!!...

Raul Leal

Collaborador de «Orpheu»

EDITOR—O AUCTOR
Prensa Libertad.—Barcelona — Calle de Los Angeles

Beinecke
Library
Broadside
Folio
2011
28